

HISTÓRIA DE EMPRESA: UMA ABERTURA PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA (*).

ALISSON MASCARENHAS VAZ
da Universidade Federal de Minas Gerais.

1. — IMPORTÂNCIA E LIMITAÇÕES DA HISTÓRIA DE EMPRESA.

Embora nos Estados Unidos e na Europa (França, Inglaterra e Alemanha Ocidental, principalmente), a história de empresa já se encontre em uma fase relativamente desenvolvida, com uma produção sistemática e à procura de uma metodologia própria, no Brasil, tal tipo de pesquisa ainda não deu seus primeiros passos e, de uma maneira geral, chega a ser mal vista pelo historiador de ofício, que a relega a um plano secundário, senão desprezível.

Aliado a isto, entre nós, são raras as empresas que apresentam interesse para a História, e que conservam seus arquivos. Quando isto acontece, o pesquisador depara-se com uma enormidade de papéis, amarrados em grandes pacotes, sem nenhuma ordem, quase sempre em péssimas condições de conservação, amontoados em uma sala qualquer. É o famoso “arquivo morto”.

Alem disto, estas empresas, em sua grande maioria, são familiares, existindo uma certa prevenção a que pessoas estranhas tenham acesso a seus arquivos. Quando muito, uma figura mais ilustrada da família (ou interessada pelas coisas da História), por ocasião do cinquentenário ou centenário da empresa, escreve sua história, que invariavelmente redundará num panegírico, centrado nas figuras mais ilustres, via de regra, os fundadores.

(*) . — Comunicação apresentada na XXVII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) realizada em Belo-Horizonte em julho de 1975 (*Nota da Redação*).

Isto faz com que se multiplique este tipo de trabalho, fazendo com que a história de empresa permaneça um gênero menor, sujeito a críticas cada vez mais fundamentadas, de que se tornou um instrumento, muito mais de propaganda do capitalismo e do *self made man*, ou ainda do “capitão de indústria”, do que propriamente um campo de pesquisa que pode trazer contribuições valiosas para a historiografia econômica.

Tal posicionamento tem retardado seu desenvolvimento entre nós, principalmente numa época em que os estudos históricos tornam-se cada vez mais ideológicos. O fato de as empresas apresentarem uma estrutura familiar tem tornado o problema de solução mais difícil. Existe nestas empresas uma quase idolatria a seus fundadores, o que resulta em uma mútua desconfiança: se o empresário não abre seus arquivos, pressupondo que o historiador tem como único objetivo denegrir tal imagem, ou ainda descobrir possíveis manobras fiscais, o historiador ao ser convidado ou se interessar pelo estudo de uma determinada empresa pressupõe que terá de fazer um trabalho comprometido, perdendo toda sua liberdade de interpretação crítica.

A nosso ver o problema não pode ser visto deste ângulo, já que tanto um como outro, ainda não entenderam com clareza suas respectivas importâncias. O empresário, facilitando a pesquisa, estará conhecendo melhor sua empresa,

“sua natureza, as vicissitudes com que ela teve de se defrontar e, ainda, as dificuldades por que passa e que ameaçam perturbar sua expansão” (1).

Já o historiador, tomado muito mais de um preconceito ideológico — não servir de instrumento à propaganda da burguesia empresarial (2) — não se interessa pela especialização, esquecendo-se de que uma série de estudos podem ser feitos a partir dos arquivos de uma empresa, contribuindo, desta forma, para uma melhor compreensão dos problemas de nossa historiografia econômica.

(1). — Frédéric Mauro, *O empresário moderno e a história econômica*. In: “Revista de Administração de Empresa”. vol. 14, nº 4, julho/agosto, 1974, p. 66.

(2). — Tanto Mori, em seu artigo *Premizas e implicaciones de una reciente especialización historiográfica norteamericana: “la empresarial history, como Kula Microanálisis: las investigaciones sobre la historia de las empresas*, baseam suas críticas à especialização, no fato de ficarem os pesquisadores muito comprometidos com o empresário que lhes proporcionou o trabalho, havendo conseqüentemente, um envolvimento ideológico, mas concordam que tais estudos são de grande importância para a história econômica.

Mesmo assim alguns trabalhos de importância aparecem de quando em vez, como a *História do Banco do Brasil*, de Afonso Arinos de Melo Franco, a *História do Banco da Bahia*, de Thales de Azevedo e Vieira Lins, e mais recentemente o estudo de José de Souza Martins, *Conde Matarazzo: o empresário e a empresa*, entre outros. Mas esta não é a regra e, o que é comum, é toda uma série de trabalhos extremamente comprometidos, elaborados sem critérios científicos, patrocinados pelas próprias empresas, com o fito de engrandecê-las.

Aliado a estes problemas, um outro se coloca de maneira bem mais clara, não só para nosso pesquisador, mas para todos aqueles que se dedicam a tais estudos: é o da opção da empresa a ser estudada. É aí que se encontra um dos maiores obstáculos, como nos informa Kula:

“o historiador desejaria escolher para sua análise uma empresa mais ou menos representativa, porém suas possibilidades de escolha são limitadas pelo estado em que se encontram as fontes documentais (...)” (3).

Aliado à dificuldade de acesso a arquivos de empresa, isto faz com que a especialização não exerça atrativos, uma vez que o estudo é muito mais imposto ao pesquisador, fugindo, na maioria das vezes, de seu interesse imediato.

Mesmo com todos estes obstáculos, é fora de dúvida que tais estudos têm uma importância fundamental, como escreve Mori, para a compreensão dos problemas econômicos:

“os esforços daqueles pesquisadores (refere-se aos historiadores norte-americanos do *Research Center in Entrepreneurial History*) (...) chamaram a atenção dos historiadores econômicos sobre o significado e a importância, às vezes decisiva, do estudo profundo da vida de uma empresa determinada (industrial, bancária, comercial ou agrícola) ou de um grande protagonista dos assuntos econômicos de um determinado país; e, coisa de fundamental importância, colocaram em relevo que os trabalhos elaborados necessitam uma contínua referência a uma visão mais geral do processo de desenvolvimento econômico e social, necessitam referir-se a uma concepção teórica global para poder oferecer pontos de apoio os mais sólidos possíveis (...)” (4).

(3). — Witold Kula, *Art. cit.*, p. 183.

(4). — G. Mori, *Art. cit.*, p. 108/109.

Paralelamente a tudo isto, mesmo com uma importância significativa, é fora de dúvida que o problema da concepção teórica para a elaboração de um trabalho dessa natureza, continua a ser o obstáculo mais sério para que a especialização tenha entre nós um desenvolvimento significativo. Os preconceitos são muitos e seria necessário um maior entrosamento entre o empresário e o historiador, aquele fornecendo uma liberdade total ao outro, para que se pudesse de fato, extrair de documentos empresariais, elementos significativos, que permitissem contribuir com análises críticas para a elucidação de pontos obscuros de nossa historiografia econômica. Para tanto, seria necessário sensibilizar os empresários, para que doassem seus arquivos ao poder público, a fim de que o historiador possa exercer seu ofício sem constrangimento.

*

2. — IMPORTÂNCIA DOS ARQUIVOS DE EMPRESA.

Frédéric Mauro, em artigo já citado, escreveu:

“esses arquivos são interessantes de inúmeros pontos de vista, uma vez que a história da empresa pertence a diversos setores da História: o das técnicas e das ciências industriais, agrícolas, e sobretudo das ciências comerciais (...), o da economia da firma e de sua evolução financeira, o da história social da empresa que abrange o recrutamento do pessoal dirigente, dos funcionários e dos operários. Ao mesmo tempo, esses arquivos podem propiciar informações valiosas a respeito do setor econômico a que pertence a empresa e até mesmo acerca da economia global do país, do continente e até mesmo do próprio mundo, seja do ponto de vista das estruturas como do ponto de vista da conjuntura” (5).

A importância dos arquivos de empresa e de seu estudo ficam evidentes, embora não possamos aceitar totalmente as conclusões a que chega o historiador francês, na medida que, acreditamos como Kula, que uma generalização das observações realizadas, com o exemplo de uma empresa, são distintas em diferentes épocas, nada nos autorizando que, através de determinadas conclusões de um estudo específico, possamos extrapolar para todo um setor industrial. Muito mais do que tentar extrapolar, o que devemos ter em mente, é que tal tipo de análise, só é possível se realizada num marco de conjunto a que per-

(5). — Frédéric Mauro, *Art. cit.*, p. 64.

tence uma empresa, com um conhecimento prévio das regularidades e dependências de seu meio ambiente.

Quanto à importância dos arquivos, de uma maneira geral, a documentação que forma o acervo de uma empresa, pode nos fornecer dados valiosos, não só para o estudo específico de sua história, mas ainda, para outras áreas da história econômica como, por exemplo, para a história dos preços, do custo de vida, da evolução das técnicas, etc. Partindo de uma experiência pessoal, quando em 1972 trabalhamos durante oito meses nos arquivos da Cia. de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, vamos procurar analisar a documentação que encontramos, o que dará uma idéia exata da riqueza desses arquivos.

Alem do mais, os arquivos da Cia. Cedro são de grande importância para o estudo da industrialização de Minas Gerais, já que se trata da primeira indústria textil estabelecida no Estado, em 1872, em condições de produzir em escala industrial. Seu estudo passa a ser mais interessante, na medida em que sendo uma empresa familiar, centenária, continua até hoje a ser a mais importante do Estado.

Os documentos encontrados em seus arquivos (que se acham em Caetanópolis), podem ser classificados em dois grandes grupos: no primeiro, temos o que podemos chamar de documentos "oficiais", representados pelas Atas de Reunião da Diretoria, Atas das Reuniões da Assembléia dos Acionistas, Atas da Reunião do Conselho Consultivo (a partir de 1960), Correspondência Comercial, Relatórios da Diretoria, Balanços e Balancetes e Fichas de Pessoal; no segundo grupo — e esta é a parte mais interessante — temos os livros Borradores das Fábricas e dos Armazens, a Correspondência particular de diretores e gerentes gerais, Relatórios confidenciais de gerentes, Correspondência de vendedores e representantes e uma quantidade enorme de papeis avulsos.

Os documentos do primeiro grupo apresentam uma importância relativa, já que na maioria dos casos ou são excessivamente favoráveis à situação geral da empresa, ou então apresentam um quadro caótico, muitas vezes para sensibilizar as autoridades a fim de se conseguir alguma vantagem fiscal, quando na realidade a situação é de recessão e não de crise, como indicam. Estes documentos devem ser usados com bastante cautela, serem severamente criticados, e sempre confrontados com os do segundo grupo, que são, em realidade, os que apresentam maior interesse e mesmo importância.

Mesmo assim, neste primeiro grupo, temos documentos de grande interesse como, por exemplo, as Atas da Reunião da Assembléia Acionistas, onde podemos acompanhar com certa segurança a luta

pelo controle da direção da empresa, e muitas vezes sabermos da real situação econômico-financeira, através de intervenção de um acionista, geralmente da oposição, que nos mostra determinadas manobras da direção. Entretanto, estes fatos não são comuns, aparecendo quase sempre, quando existe uma luta aberta pela direção da empresa.

O segundo grupo de documentos é o que apresenta maior interesse, principalmente para estudos em outras áreas, que não a estritamente da história de empresa. Assim, por exemplo, já são bastante conhecidos os estudos sobre o custo de vida no Rio de Janeiro, no final do século XIX, dirigidos pela prof.^a Eulália Lobo, que têm como fonte principal a documentação de empresas cariocas.

Os documentos que compõem este grupo, além de nos fornecerem subsídios valiosos para a crítica aos do primeiro grupo, nos permitem a elaboração de uma série de outros estudos, de grande valia para uma melhor compreensão dos problemas ligados à historiografia econômica, sendo que, muitas vezes, é a única fonte disponível para tais estudos, tanto em riqueza como em abundância de dados.

Assim, temos os Livros Borradores, tanto das fábricas como de seus armazens. Através deles podemos estudar os preços e o custo de vida da região onde se localizam as fábricas, além de serem elementos determinantes, no caso dos primeiros, para estudos de custo da produção. Os livros dos armazens nos permitem estudar os preços dos produtos, além de podermos determinar a margem de lucro de cada produto, uma vez que aparece sempre o preço de compra e o de venda, além de ser elemento fundamental para o estudo do custo de vida.

Outro tipo de documento muito interessante é a correspondência particular de diretores e gerentes gerais. São importantes para esclarecer pontos obscuros da documentação "oficial", além de podermos acompanhar a mentalidade empresarial da época. Estas cartas, principalmente no caso da Cia. Cedro, esclarecem pontos fundamentais da disputa pela direção da empresa, além de conterem críticas, muitas vezes bastante severas, a determinados dirigentes. São também muito úteis para o esclarecimento de medidas tomadas arbitrariamente, sem conhecimento da Assembléia dos Acionistas, e mesmo de atritos surgidos entre a direção, em determinadas reuniões de diretoria, que não aparecem em suas atas.

Os Relatórios confidenciais, quase sempre de gerentes de fábrica para o gerente geral da empresa, apresentam uma importância enorme, já que nos mostram a real situação de uma fábrica e deixam transparecer todo o sistema que era aplicado para um controle político do operário, além de serem a base para o estabelecimento da política sa-

larial da empresa. Na maioria das vezes, são dedicados quase que exclusivamente ao comportamento do operário, sugerindo inclusive o afastamento ou transferência de alguns deles, notadamente dos que representavam maior perigo em termos políticos. Mostram com detalhes o estado da maquinária, sendo peças fundamentais para o acompanhamento da política de reinvestimento da empresa.

Documentos mais abrangentes são os Relatórios de vendedores e representantes. Em forma de carta ao gerente geral, nos dão notícias detalhadas dos comerciantes das regiões percorridas, bem como informam sobre o estado do comércio de uma maneira geral. Era a partir desses Relatórios que a empresa estabelecia sua política de comercialização e mesmo de produção, dependendo da situação que se encontrava o comércio nas regiões de maior penetração dos produtos da empresa. Através desses documentos, podemos conhecer com certa profundidade a situação comercial e econômica de determinadas regiões de Minas Gerais, o que pode ser de grande valia para um estudo mais global da economia do Estado.

Finalmente, o que chamamos de papéis avulsos, são na sua maioria cartas de fregueses reclamando sobre atraso na entrega de encomendas, defeitos nos tecidos, pedindo maiores prazos de pagamento, etc., além de uns poucos Relatórios setoriais. Na maioria das vezes, têm importância apenas para a história da empresa propriamente dita, ajudando no estudo da comercialização (determinar as regiões com as quais comerciava), da produção (controle de qualidade) e da política de preços. Já os Relatórios setoriais são bem mais importantes na medida que nos mostram o real estado de um setor da empresa, já que eram elaborados quando se pretendia uma reformulação ou uma aplicação de recursos.

Embora de uma maneira bastante sucinta, acreditamos ter dado uma idéia da importância e da riqueza de tais arquivos, como fonte para um maior desenvolvimento de nossa historiografia econômica. Se a história de empresa encontra uma certa resistência por parte dos historiadores econômicos, isto não significa que ela seja um gênero menor, pelo contrário, apesar das críticas que possa receber, sua importância é reconhecida e ressaltada por aqueles que se ocuparam em discutir o problema em termos teóricos, como Kula e Mori. O problema está no uso que fazem dela, notadamente os autores norte-americanos, que a utilizaram para enaltecer o empresário e o capitalismo.

No estágio atual da pesquisa, esta tendência, que foi a iniciadora, já começa a modificar-se, com o pesquisador tendo sua plena liberdade de interpretação, pois várias empresas, principalmente européias já começaram a doar seus arquivos ao poder público, onde podem ser

consultados sem as pressões notórias a que se sujeitavam os pesquisadores, quando recebiam a benesse de algum empresário que lhes abriam seus arquivos, ou mesmo financiavam seus trabalhos.

No Brasil, e disso temos consciência, este tempo ainda tardará, mas acredito que deva partir do historiador, a iniciativa de sensibilizar os empresários a doarem seus arquivos, para que possamos trabalhar tão importante fonte, utilizando uma total independência de interpretação. O caminho será difícil, mas devemos nos empenhar, para que tais documentos não sejam destruídos, abrindo assim uma nova perspectiva para a nossa historiografia econômica. Talvez tenha sido este, o único sentido desta comunicação.